

De Profundis

Cultura Alternativa



ZINE
QUADRIMESTRAL
Nº.01

IAN CURTIS

20 anos sem o poeta

ELEGIA

POESIA
MALDITA

AMBROSE
BIERCE

MONÓLOGO DE
UM VAMPIRO

VIOLETA DE
OUTONO

FRONT 242 - THE GATHERING - THE TEARS OF BLOOD
THE MISSION - FINIS AFRICAE

Zine De Profundis, nº 1 - Ano 1 - Edição Especial
Produção artística: UNO - INFO WIZARDS
Diagramação: Cleber
Capa: Arte Fabíola Ferígato e Cleber
Produção Financeira: Maurício - Madame Satã
& Pedro - Sebo 264
Todos os textos levam os nomes dos respectivos colaboradores
Rua Sapupira, 451 - B2 - Ap. 34 - Jd. Pedro J. Nunes - SP - SP
Cep: 08061-440 - infowizards@ig.com.br - affinito@uol.com.br



JOGANDO UM POUCO DE AREIA SOBRE SEUS OLHOS

Este "megazine" que tens em mãos é fruto de um trabalho árduo, que venho realizando desde 92, quando me embrenhei no mundo das fanzines com um zine de nome "Gnose"(2 números) , bastante frívolo e inexo... depois veio um com nome de "Nada", seguido do insalubre "Gothic Party" que vingou umas 3 edições... Acho que só o N. Baco possui esses zines, não os guardo por mera vergonha... Em 93 iniciei o zine "Atmosphere", onde despejei toda sorte de poesia e arte marginal e bandas alternativas de diversos loucos de todo Brasil, esse realmente foi o primeiro passo, chegando a 14 números em 98, quando percebi que haviam outros rumos a tomar... resultando em experimentos diversos que por fim descambaram no "De Profundis", nome que ostento desde 99 para minhas publicações marginais. Esse nome foi inspirado no grande escritor e poeta Oscar Wilde, que magistralmente ordenou as letras tirando delas o sumo sensível capaz de inspirar a imaginação e despertar dentro das pessoas aquilo que Rimbaud chamou de "Iluminação". Não é nosso intento associar este zine a nenhum tipo de rótulo caprichoso, a liberdade consiste em respeitar as diferenças, desde que cada um saiba delimitar as margens e as proporções das opiniões e gostos alheios. O nosso foco é a cultura marginal e alternativa, tudo que a grande mídia põe de lado ou simplesmente distorce segundo suas convenções, e dentro de nossas possibilidades, publicaremos colaborações enviadas por nossos leitores, esperando sempre que ao invés de críticas sem fundamento, as pessoas busquem ajudar a tornar o zine naquilo que gostariam de ver, pois falar é muito fácil, realizar já é uma outra história, longa e da qual espero que você também venha a fazer parte. Enfim, este é apenas um punhado de areia, sonhos ou simplesmente papel e letrinhas, tudo depende de VOCÊ, pois sem sua sensibilidade de pouco adiantariam minhas palavras, eu fiz minha parte, porém a magia, essa só pode estar em você!!!!

AB IMO PECTORI

Necrópole infausta, eis a índole humana!
Sabedoria é nada, senão ignorância bem articulada,
portanto supra-se de algumas sementes
pois estas germinarão em teu leito de morte;
Todo gosto é um sorriso que morre na lembrança,
todo desejo é a esperança de um pouco mais.
Cala-te! é feio blasfemar de boca cheia...
E temperado de teus pecados e virtudes
será um banquete de vermes, não um réu de deus.
Lavra bem tuas trevas
pois é inútil toda dádiva que subtrai o prazer
e escassa toda cultura que se negue ao delírio.



Agradecimentos: Raquel (minha namorada), Enedina (Mamãe), Stan Lee, Alan Moore, John Byrne, José Salles, Floyd, Giva, Jisser, Marquinhos (DF), Fabíola (DF), Carlos Bennis (DF), Fofão (DF), Galera de BSB, Sociedade Esportiva do Gama, Deusdete, Alex, Romário, Ricardo, Washington, Cid, Tarsis, Akácila, Pacianotto, Guto, Túlio, Aurélio e Dani, Zoyd, Fausi, Bruno, Patrícia, Twilight Gods, Heleno e Mercyland, Pomba e Dynamite, Condição de Existência, James e Markley; Pomba, Khall, e todos aqueles que tornaram possível a realização de trabalhos como este.

Front by Front

#Morpheus Affinito



Patrick Condenys montou o grupo Front 242 na virada entre as décadas de 70 e 80 para satisfazer seus experimentos sonoros, baseados em música eletrônica e industrial, juntaram-se a ele, Jean-Luc De Meyer e Daniel Bressanutti, formando o trio mais representativo da música eletrônica após o grupo Kraftwerk. Influenciados pelo "Anti-Rock", movimento musical alemão de bandas como "Can e Faust", além da banda Inglesa "Silver Apple" (um petardo do psicodelismo da virada 60/70). Suas músicas transbordam de elementos como o terrorismo, guerras, conflitos individuais e existencialismo. O gênero chamado Eletronic Body Music, é nada mais que um sinônimo, pois sem o Front, dificilmente esse estilo jamais teria tamanha repercussão no mundo musical, sua influência foi marcante para gerar um cenário, contando com seguidores do gabarito de bandas como "Vomito Negro", "Skinny Puppy", "Projekt Pitchfork", "Nitzer Ebb" entre muitos outros.

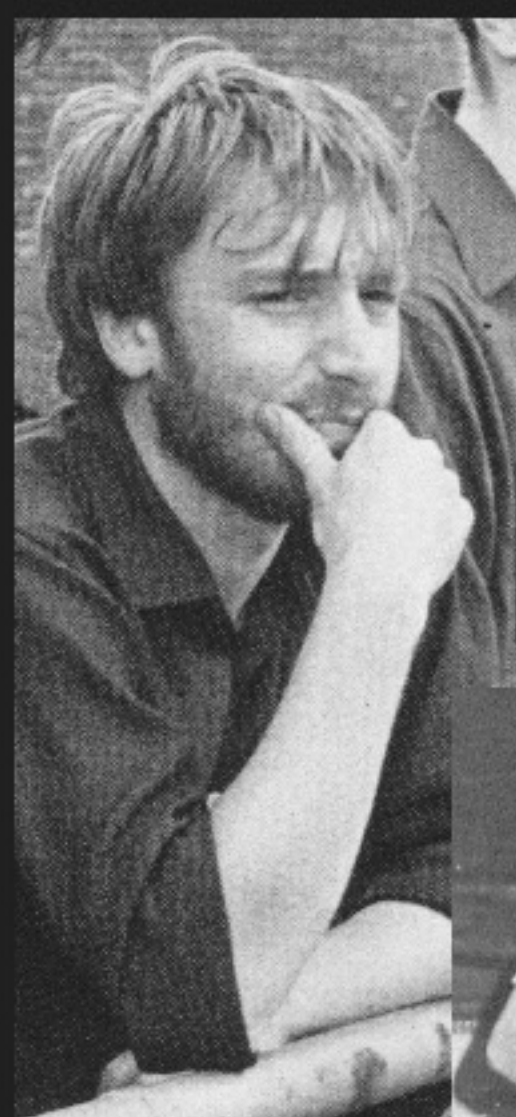
Seu álbum de estréia "Geography" (83) dava uma notória amostra do poder criativo do grupo, descarregando petardos de uma genialidade primorosa como nas faixas "U-men", "Kampfbereit", e aquela que parece ser o marco definitivo no contexto musical da banda: "Operating Tracks"; uma levada dançante com vocais modulados, gerando uma melodia penetrante. O segundo álbum "No comment", a bem da verdade, não atendeu às expectativas, aguardava-se mais, devido ao desempenho do grupo em seus Ep's... o destaque desta vez ficou por conta de "Special Forces", em compensação os Ep's "Endless Riddance" e "Politics of Pressure" compensaram pelas claustrofóbicas "Controversion Between" e "Don't Crash", que considero uma das mais fantásticas realizações dentro da música eletrônica. Em 87 os dois primeiros álbuns e algumas faixas de Ep's foram compiladas na coletânea "Back Catalogue", que resume magistralmente essa fase da banda.



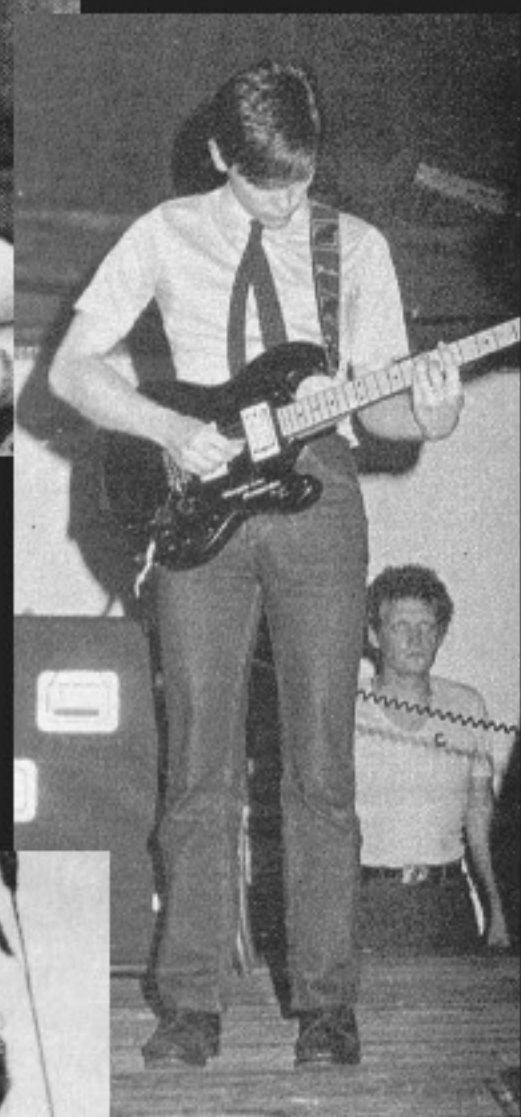
O álbum seguinte "Official Version", também de 87, registrou os hits "Masterhit" e "Aggressiva Due"... mantendo o ritmo de sucessos da banda, porém o apogeu da carreira da banda chegou com o estouro da New Beat, mais uma facção da música eletrônica que encontra no álbum "Front By Front" (88) sua máxima expressão, salientadas em duas canções que elevaram a música eletrônica à um estouro surpreendente em todo o globo: "Headhunter V3.0" e "Welcome to Paradise", sátira sobre os conceitos cristãos, em especial ao pastor suicida "Jim Jones". Este Lp trouxe também canções expressivas como "Untill Death (Us Do Apart) e "Never Sop!"... tornando este um dentre os maiores álbuns de todos os tempos, mesmo fora do circuito da EBM. "Tyranny For You" (91) fechou, enfim, com chave de ouro, embalado num ritmo feroz e ensadecido, como demonstra: "Moldavia", "Gripped by Fear", "Tragedy For You" e "Soul Manager"... Após este trabalho a banda direcionou-se à outros caminhos, trabalhando também seus projetos paralelos como: "Revolting Cocks" e "Cobalt 60", mas isso é uma outra história a ser contada em outra oportunidade...



JOY DIVISION JOGO DE SOMBRAS



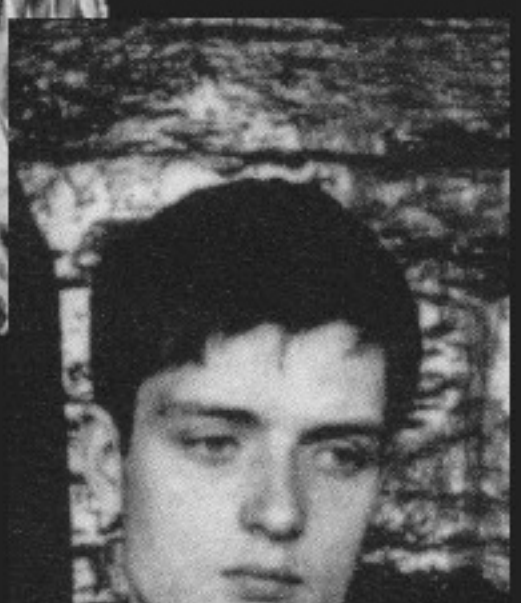
Hook



Sumner



Morris



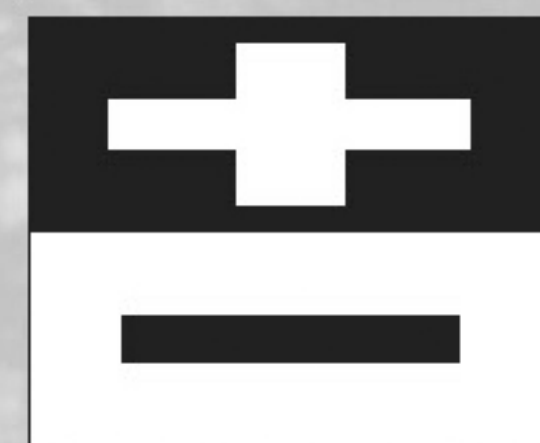
Curtis



Hannet

*"Certas sombras que se vê por aí
são vidas não completas
gestos cênicos, parados no ar
que ainda fazem você pensar..."*

"Ian" (banda Varsóvia SP)



Após 20 anos da morte de Ian Curtis o mito prevalece, estendendo-se por gerações e alcançando gêneros variados de público, respeito merecido, já que é uma das bandas mais influentes do rock, tendo seus dois álbuns eleitos entre os 10 mais sombrios do século ao lado de personalidades como Billie Holliday e Frank Sinatra. A sonoridade é a principal atração do Joy Division. É inquestionável a qualidade e os elementos criativos de que a banda dispôs... é o que arremata o indivíduo, tragando-o num vórtice confuso, atirando-o nas paragens circunspectas ornadas por Peter Saville (Designer gráfico) e focadas por Anton Corbjin (fotografo e videomaker); dois entre os elementos que compunham a Joy Division em seu todo, um conjunto de fatores (ou Factory, se preferir) que somados nos apresentou a banda e Ian Curtis assim como nós os "conhecemos", haviam ainda "Tony Wilson" apresentador de um programa de TV e colega de adolescência de Ian; Martin Hannet, o mago - produtor e músico, sem o qual a banda não seria nada do que conhecemos... e Jon Savage, responsável pela divulgação do grupo em revistas, jornais e fanzines, e claro, Deborah Curtis, a estressada esposa de Curtis, sem a qual não seria possível algumas boas letras como "She's Lost Control". Fora isto, conhecemos bem o grupo: Bernard Sumner guitarrista; Stephen Morris Bateria e; Peter Hook Cérebro musical e único responsável por **MONÓLOGO DE UM VAMPIRO**

Ian Curtis, a personificação do Cristo de Andy Warhol, um poeta urbano de personalidade antagônica, crucificado entre seus caprichos e ideais, um homen que sacrificou sua humanidade (entenda-se vida) em troca da imortalidade ao lado de seus ídolos: Bowie, MC5, Bob Marley, The Who, The Doors, The Animals, Kraftwerk e sobre todos Lou Reed e Iggy Pop. Além do Ian de olhar perdido e distante cercado de cinza e negro que Corbjin nos passou, existiu uma pessoa, não digo comum ou normal, mas alguém que tinha o apelido de Batman na infância (Tony Nuttall, amigo inseparável era o Robin), e que sempre gostou de se diferenciar nos ambientes onde freqüentava, usando sempre óculos escuros e escondendo-se do sol (era alérgico), some isso ao fato de que era muito encrenqueiro, explodindo do nada em surtos de violência frenética sobre algum idiota que atravessasse seu caminho, ou no palco, onde chegava a se cortar com cacos de vidro, indo parar em algum pronto socorro local. Era fascinado por anomalias, guerra, dor e morte... mas chorava ao ler um conto de Oscar Wilde, uma vida em constante paradoxo. Suspeita-se que adquiriu sua epilepsia de tanto tomar remédios para epiléticos que roubava do Centro de Assistência onde trabalhou, era viciado em bolinhas. De classe baixa, quando ia aos shows de seus ídolos, precisava voltar de carona e pedir comida pelos postos e restaurantes... por vezes dormindo em praças. Para se ter noção, "An Ideal For Living" primeiro Ep oficial da Joy, foi feito com um empréstimo do banco, além de que todos integrantes passaram o dia dobrando a capa e colocando os discos dentro. Ian ainda faturava um troco pro cigarro limpando e ajeitando o estúdio para outras bandas como "Section 25" e "The Fall". Uma última curiosidade é que foi Deborah Curtis quem escolheu a inscrição na Sepultura de Ian "Love Will Tears Us Apart" devido a toda loucura ocorrida no bizarro triângulo amoroso envolvendo ela, Annick e Curtis. Passados 20 anos, podemos constatar que se Ian não encontrou sua redenção, certamente conseguiu alcançar seu objetivo, figurar ao lado de seus ídolos, mas de uma forma particular, dentre as constelações de um céu imaginário, Ian é uma estrela isolada em um ponto qualquer, atraindo para si os olhos de algumas almas ímpares que se identificam com o seu brilho.

PS* - O livro "Carícias Distantes" de Deborah Curtis, é um vasto pomar de detalhes sobre a banda.

M. Affinito

FINIS AFRICAE - DEUS ATEU!!

Bem, quase 11 anos sem que o Finis Africae se apresentasse em SP, e foi com grande satisfação que assisti a um show no Woodstock (09/08) que foi muito além da expectativa de todos os presentes. Sem o percalço de "grande retorno", a banda agiu como se nunca tivesse ocorrido qualquer pausa em sua carreira, com uma performance frenética e cativante, chegando a roubar a noite, que dividiu com o Violeta de Outono, só para si. O fôlego do vocalista Eduardo de Moraes, além de sua voz incomparável, promoveram um espetáculo a parte, mas o resto da banda também provou ser muito competente misturando um swing funk com a levada típica de bandas como Smiths e Bauhaus (De quem eles tiravam a cover "Kick in the Eye" nas antigas apresentações). Canções como "Ask the Dust" (alguém conhece o escritor John Fante?), "Vícios", "Armadilha" e "Máquinas" foram cantadas em coro pela platéia extasiada em frente ao palco; enfim tocaram quase todo o repertório do álbum "Finis Africae" de 87; sendo que as surpresas foram a cover de "Pros que estão em casa" (Hojerizah) e a versão de "Fátima" da banda "Aborto Elétrico" com o instrumental de "She Sells Sanctuary" do "The Cult (deixando todos estupefatos), além de duas músicas novas "A Fera" (Fantástica) e "Acrobata"; porém ficaram devendo algumas canções do álbum verde (capa do criativo Lui) e a faixa "Ética" da maravilhosa e raríssima compilação de bandas do DF "Rumores", lançado pelo Sebo do Disco em 86... as faixas contidas nesta coletânea, além de todo o EP verde, revelam um Finis Africae menos sofisticado, porém bastante inclinado ao estilo Pós-Punk, que teria feito um estrondo ainda maior, caso as canções fossem executadas...

O importante é que o show foi simplesmente estupendo, se tiver uma chance dessas, não perca!!!!



Ana Antonelli

Informações:

www.rockbrasil.com/
roberto.medeiros@ig.com.br

M. Affinito

VIOLETA DE OUTONO
01 DE JULHO 2000
GOthic RAVE THORNS



Ana Antonelli

MARCOS BRITO
Lovecat2000@bol.com

Pode parecer mero saudosismo ou até mesmo uma tentativa enlouquecida de trazer (ou manter) o que de bom já foi produzido no rock nacional nas últimas três décadas, comparado ao atual estágio estagnado que nos encontramos. Tínhamos os Mutantes, a Tropicália (embora não se enquadrassem nos clichês que envolvem o rock'n roll) e todo o desbunde setentista. Os anos 80 foram, de longe, a década mais representativa na cena alternativa nacional. Tudo era novo. A dificuldade de se encontrar os títulos daquelas bandas que cultuávamos e que, raramente apareciam na galeria 24 de Maio (no centro de São Paulo) alimentava ainda mais a criatividade e a vontade de criar sons originais a partir daquelas referências.

É triste assistir a juventude da era pós-Internet, cegos por essa neblina de facilidade que envolve nossos dias, escutarem o chamado atual "rock nacional". E dá-lhes Raimundos, Charlie Brown Jr, o Rappa, Los Hermanos... Creio que a mídia, e conseqüentemente, os apreciadores de boa música, sofram de amnésia aqui no Brasil.

Pois durante a década de 80 (mais precisamente na segunda metade), vimos surgir bandas com um talento inigualável e acima dos padrões radiofônicos estabelecidos naquela época: Defalla, Vzyadoq Moe, Cabine C, Arte no Escuro, Mercenárias. Isso só para lembrar alguns nomes. Porém, sem dúvida, a que mais se destacava era o Violeta de Outono. Foi como uma revelação mística e surreal quando os ouvi pela primeira vez em algum dia de março de 1987, impulsionado após ter lido uma reportagem sobre eles. Me apaixonei já na primeira audição.

Treze anos passaram-se e, estamos diante deles novamente em alguma pseudo rave (rave gótica??? Em local fechado e sem a integração lisérgica ao ar livre com todos dançando num só ritmo como costumam ser as raves realmente loucas?) e com um público basicamente juvenil, que provavelmente estavam assistindo ao Xou da Xuxa enquanto, Fábio Golfetti fazia seu enésimo "experimento" psicodélico.

Da formação original apenas Mr. Golfetti, esbanjando a competência habitual na guitarra, criando imagens oníricas, distantes e vocais charmosamente inaudíveis, nos envolvendo numa bruma que remete aos grandes momentos do Pink Floyd, Echo And The Bunnymen... (o espírito do Pete de Freitas estava vagando na Serra de Paranapiacaba naquela madrugada).

Impressionante o poder da bateria... Todos os grandes momentos do Violeta foram executados primorosamente, até desembocarmos na cover mais perfeita que a versão original: "Tomorrow Never Knows" (Beatles).

Voltei para casa em estado de graça. Flores ainda brotam no deserto.

Comparado com os grupos atuais, que são carro de boi, eles nos levaram, de boeing, numa expedição por sonoridades nunca antes exploradas.

MARCOS BRITO



Suspeito que apesar desta ser atualmente a maior representante da Darkwave Brasileira lá fora, poucos por aqui tiveram o prazer de ouvir suas impressionantes canções, ou até mesmo, ouviram falar sobre eles... Acredito mesmo que somente uma pequena parcela do público, aquela que possui acesso à internet, pôde adquirir o CD e usufruir do prazer que é deixar tocar do início ao fim o trabalho homônimo do ELEGIA. Apresentaram-se recentemente no 9º Wave-Gotik-Treffen, dia 10 e 11 de Junho deste ano 2000, enfim, a primeira banda representante do estilo a tocar fora do Brasil, lançando seu CD de estréia neste festival, o que lhes rendeu destaque pela revista alemã Zillo. Além de tudo isto, participaram ainda da coletânea "Airplane Of Noise vol.II" só com bandas de S, José dos Campos. Tudo isto se deve à anos de trabalho e devoção, passando por cima dos mesmos problemas que todas bandas brasileiras encontram, e embora não encontrem o devido prestígio junto ao nosso público brasileiro, acredito que seja somente uma questão de divulgação. A banda formou-se em 89, sofrendo algumas modificações durante todo este percurso, lançando sua primeira demo tape em 93 e apresentando-se pelo estado de SP, inclusive capital, adquirindo experiência e bagagem que, como demonstra o CD "Elegia" não passa despercebido de nenhum bom amante do gênero. Eles possuem uma sonoridade própria, musicalidade de alto gabarito, mesclando elementos de bandas como Xymox, Poesie Noire e Cure, porém soando como Elegia, em nenhum momento perdendo sua identidade, o que por si só, já os destaca dentre aquelas bandas de fora que procuram fazer um som "adequado" ao que passa a ser a onda do momento alternativo... finalizando, eles são criativos, ótimos músicos e fizeram aquele que até agora considero o melhor cd que ouvi este ano. As minhas faixas prediletas são: "Sublime Perversion", "Light", "Anais", "Blind Looking Glass", "The Typhon Eyes" e a versão de "Ein Stuhl In Der Höelle" do Einstüzende Neubauten. Eles deram um passo além, agora resta ver quem se habilita a segui-los.

M. Affinito



www.gothic.art.br



THE TEARS OF BLOOD



Enquanto me dirigia para o show do Tears, imaginava apenas assistir a uma outra apresentação boa, mas sem maiores expectativas, acostumado às circunstâncias que costumam envolver tais shows: - locais nem sempre adequados, aparelhagem quebra-galho, e uma banda bastante esforçada passando por cima desses inconvenientes para mostrar algo razoável para um público que nem sempre vale o empenho

Quando cheguei ao local (Espaço Cultural Florestan Fernandes Guarulhos), imaginei que devia estar vazio, pois na entrada não havia quase ninguém... Essa foi a primeira surpresa, todos já estavam lá dentro; e enquanto o Dj Rebelde, mandava sua boa discotecagem, mas percebi que ninguém agitava nada... imaginei que quando a banda entrasse no palco, seria pior ainda... porém o volume de pessoas foi aumentando perceptivelmente, e logo estava complicado se locomover pelo ambiente. Enfim, com um fundo sonoro interessante, por entre uma cortina de fumaça, a banda adentra ao palco, tendo a frente sua vocalista, Andreza, carregando um castiçal... Alessandra dá as primeiras notas no teclado, Zé Carlos impõe o ritmo em sua Bateria, enquanto Vítor e Marcos Dutra aderem com seus acordes bastantes sóbrios... tudo muito bem ensaiado. O Bom jogo de iluminação revela um palco muito bem montado, com banners e os símbolos da banda espalhados estrategicamente. Logo nos primeiros instantes, quando Andreza começa a cantar, pode-se perceber que o público foi alvejado pelo carisma dos integrantes do grupo... e aquilo que eu achava impossível acontece, o público é tomado por um frenesi, agitando feito loucos ao som do Tears Of Blood. Eu que não sou de desperdiçar oportunidades, me embrenhei no meio da galera (melhor público que conheci em sp), inclusive na hora do Bis, que a banda atendeu prontamente... Os destaques foram as canções: "Darkness", "In The Way Of Soul", "Depression", e a cover de "Israel" Siouxsie. Eles estão na estrada desde meados de 91, e ao lado de "Das Projekt Der Krummen Mauern", formam a nossa maior representação no âmbito do gothic rock. Se você tiver oportunidade, confira o material e os shows dessa banda, será um tiro certo em tempo de tantas apostas malfadadas

M. Affinito



A/C Marcos Dutra (0xx11) 6440 6292 - tearsofblood@uol.com.br

Stale Bread

Ousados visionários



www.gothic.art.br/stale
stale@zipmail.com.br

Germinados da banda "No Fun", o Stale Bread apresenta-se atualmente como uma das bandas mais proeminentes do cenário alternativo. Passando por várias transformações desde o início, quando flertavam com a música britânica (indie, brit pop e co-generes) em suas composições, e as guitarras eram mais acentuadas e davam a tônica de sua música, que hoje cadencia uma melodia mais densa e austera, devido ao amadurecimento dos músicos originários da primeira formação (Schubert voz / guitarras e Rodney- baixo), e à adição dos novos elementos Tarsis Schwald (teclados) e Márcio Rodrigues (guitarras), tendo por percussão uma bateria eletrônica (Mozart), tudo isto contribuindo muito para constituir um empenho que já recebe aclamações junto ao público underground. Tarsis juntou-se ao grupo após deixar a banda "Vesúvia" - fantástico meteoro sonoro que encontrou seu fim no ano de 1999; e Márcio também aderiu à banda após uma boa experiência com o "Morangos Mofados", uma banda de covers do "The Cure". As apresentações do Stale Bread são consideradas excelentes e bastante excitantes, segundo o séquito de apreciadores de casas noturnas e porões de SP. Eles já possuem duas demos: "Today" (97) é a de estréia, ainda voltada ao estilo primordial do Stale Bread, com destaque para faixa título "Today", com a qual participaram da coletânea "Violet Carson"; e *Reflections Remain* (99); cujos destaques são "Heaven" e "Broken Chains", que já se tornou hit executado nas pistas das principais casas do gênero. Agora, embalados pela tônica da entrada de Márcio, já preparam uma nova demo, além de estarem no seletivo grupo que virá a integrar uma nova coletânea que contará ainda com as miscelâneas de "Das Projekt Der Krummen Mauern", "Mercyland" e o sensacional "The Tears Of Blood". Prepare-se para mais essa jornada dentro de uma musicalidade bastante particular e muito especial... Feita por gente nossa e para nós.

M. Affinito

HANG THE DJ

O culto ao DJ não cabe dentro deste conceito que chamamos "espaço alternativo", em especial devido ao fato de que geralmente eles não remixam nada, nem usam samplers, ou sequer encaixam as músicas de acordo com o beat de cada uma. O que fazem é rolar faixas que façam o público agitar, o que no começo era adornado de alguma criatividade, já que o DJ tinha a responsabilidade de lançar as novidades pra galera que frequentava clubes noturnos como o Madame Satã, Rose Bombom, Hoellisch e Espaço Retrô, entre outros... na atualidade, mudou-se bastante a posição do público, que vive de um eterno flashback, por vezes engolindo (não sei como) algumas novidades, e o DJ tornou-se um reflexo deste mesmo público, sendo que qualquer um pode entrar em uma cabine munido de 30 cd's básicos e fazer a festa, sendo que raramente alguém tem peito de chamar a responsabilidade para si de inovar aqui e ali, tendo muitas vezes dificuldades com a aceitação de sua discotecagem. Mas estrelismo não falta para boa parte deles, e me parece que isso também é culpa de um público que não pode viver sem ídolos, elegendo aquele que mais se aproxima de seu "ideal" como ícone. Em uma época em que as bandas escassearam, o DJ atraiu pra si as atenções, mas isso se tornou tão ridículo que muitos chegavam em uma roda, e ao se apresentar diziam "eu sou o dj tal", o que pra mim sempre quis dizer pouco ou merda nenhuma, devido ao que já esclareci algumas linhas acima. Todos devem tomar consciência que o atrativo são as músicas em si, o que o cara faz é trocar os cd's e apertar os botões (nossa, como é difícil!!), e criatividade está fora de cogitação nas atuais circunstâncias, embora isso não queira dizer que não haja alguns gatos pingados que exerçam muito bem a atividade de discotecagem, quebrando essas mesmas barreiras tão estúpidas por si só, e ainda dando seu salubre apoio às bandas que surgem lá fora e aqui no Brasil, buscando criar no público um senso mais abrangente e diluindo a estrutura de simples "apreciadores de flashback" que a galera adotou desde os idos de 1994... A carapaça pode até apertar alguns, mas o intuito é justamente este, doa a quem doer.

M. Affinito



LUPERCAIS



LUPERCAIS Ritual de fertilidade, onde os homens de Roma, influenciados pelos sacerdotes de Pã, enchiam a cara de vinho e corriam nus pelas ruas empunhando chicotes feitos de rabos de bode, com os quais açoitavam as mulheres que encontravam pela frente, antes de possuí-las. O ritual surgiu meio a escassez de crianças no império, o que levou-os a consultar um oráculo do deus Juno, no monte Pallatino, que sentenciou que as mulheres para serem férteis novamente, deveriam ser copuladas por bodes... a notícia não agradou a alta sociedade romana, que adaptou o rito à forma que utilizaram. Até hoje em alguns locais, celebra-se a Lupercais, hoje um ritual para iniciados.



M. Affinito

A banda Lupercais surgiu no Distrito Federal em meados de 95 como uma opção para todos que amavam a poesia e a subversividade, e como anti-matéria para os adeptos do rock besta e engraçadinho produzido pela maioria das bandas em voga no cenário candango. Na época, a Lupercais era formada por: Wellington (guitarra) o único que sabia tocar; Grazielle (Bateria); Rodrigo (Baixo); Sidney e Aline (vocais). Para sua sonoridade inspiraram-se em bandas como Echo, Bauhaus e Joy Division, assim como no rock nacional de bandas como Muzak, Finis Africae, Pompas Fúnebres e Zero (entre outras). Antes de Aline deixar a banda, tocavam coisas do gênero étnico, canções indígenas e algo no gênero do Dead Can Dance. Eram guerreiros do underground batalhando por um pouco mais de cultura num meio (mal) acostumado às banalidades de um rock chocho e sem alma. Era óbvia a ligação entre a literatura e a Lupercais, graças às letras cheias de referências aos grandes malditos da contracultura: "O testamento de Caim" - homenagem ao personagem bíblico tido como primeiro assassino; "Crônica de um morto cafajeste" - honras a Charles Bukowski; "O suplício de Bruno" - Elegia sobre a morte do contraventor Giordano Bruno; "Carne Criada" - Quem assistiu Vidas Secas de Nelson Pereira dos Santos, com certeza entenderá essa homenagem; "Espectros" - a letra aborda a morte e o destino dos espíritos marginais, tudo isto levou algumas faixas a serem executadas na rádio cultura de Brasília, dando certa notoriedade à Lupercais. Já na Segunda demo, lançada no ano de 96, demonstrou o amadurecimento deles como instrumentistas. Além da saída de Wellington pra entrar Robson nas guitarras, a poética de Sidney também havia melhorado bastante e agora nem todos os temas eram tão "malditos". Porém, a masterização do trabalho regrediu a níveis inimagináveis, prejudicando o que seria o apogeu da banda. Canções fantásticas como "Ogro Moderno", "Quando chega o dia da caça", "Sonho da Areia" e "Elegia", ilustram este maravilhoso petardo da música mais que alternativa. Entre 97 e 98, Rodrigo é acometido por profunda depressão (chegando a tentar o suicídio) e deixa a banda, abrindo espaço para Marquinhos (baixo) e Tharsila (teclados). Eles começaram a compor em outros campos, e já que a banda já havia sofrido várias modificações desde seu início, estamparam-se novas cores em seu quadro. Foi então que surgiu a oportunidade de participarem de duas coletâneas "Atitude - Vol II" e "Violet Carson", e quando os horizontes pareciam se abrir, veio o pior, pois antes mesmo de ver as duas compilações prontas, Sidney Paulino veio a falecer de um aneurisma cerebral, aos 28 anos, deixando uma grande lacuna na cultura marginal de Brasília, sendo uma ironia que sua participação em uma das coletâneas (Violet) chama-se, por infelicidade do destino, "Funeral"... restando ainda 3 canções prontas, os remanescentes da banda gravaram-nas: "As palavras e os homens", "Império das máquinas" e "O homen das costas pesadas", com Grazielle e Robson aos vocais. Assim acabou uma pequena história de rock, assim nasceram mitos e o culto à banda Lupercais, que sempre estará presente nas noites frias de inverno, quando poetas e músicos reunirem-se ao redor de uma fogueira, regados a drogas e principalmente muito vinho...



ELEGIA

*Minhas pupilas estão dilatadas
Nada enxergo durante o dia
Me oriento pelo som do velcro
Da criança suja.
Um grito me desperta
Como se beliscasse meus bagos,
Apenas sorrio trancafiado em meus sonhos.
Tudo o que tenho são orquídeas de plástico
Num jarro que jaz em meu quarto.
Nas paredes rachadas, imagens de pessoas
Que não me conhecem Eu as idolatro!!
Não me divirto mais como antes
Depressivo, fico à beira do fim.
Me alcoolizo, me entorpeço,
Rogo aos deuses pelo paraíso
E tomo o cálice de cianureto.*

Sidney Paulino

CAMINHOS CONFUSOS

*Dentre as chamas da ardente solidão,
Confuso em meus últimos momentos...
Ansioso pela volta da grande irmandade,
Escarneo aqui neste vale de desespero...
Mas que verdade é essa,
Que nos deixa tão confusos...
São bifurcações infinitas,
Nestes caminhos tão confusos...
Nesta imensidão da minha mente,
Que mente lentamente...
Render-se aos extremos,
É entregar-se às correntes do ar...
Sucumbir ao paraíso da ilusão,
Morrer pela verdade interior...
Me diga agora querida,
Se é sonho ou ilusão...
Me diga agora querida,
Se estamos presos em nosso altar..*

Marcus Vinícius Banda Invisível

THE MISSION NO BRASIL

Após doze anos longe de terras brasileiras, uma das mais importantes bandas inglesas dos anos 80, "The Mission, deu o ar de sua graça, trazendo ao Brasil a turnê de seu mais recente álbum "Ressurrection". Wayne Hussey, vocalista e líder da banda, comentou sobre seu último trabalho, recém lançado no Brasil, que traz novas versões de seus antigos clássicos como "Wasteland", "Severina", "Butterfly On A Wheel", e inéditas como a faixa título "Ressurrection" e "Without You", uma balada magnífica que aponta os novos rumos tomados pela banda. Wayne afirma estar firmado na modernidade e, que como guitarrista procura buscar novas técnicas para elaborar outros elementos onde possa aprimorar seu trabalho como músico. Expõe ainda que o principal fator a influenciar as mudanças nos rumos da banda devem-se à constante troca de integrantes, porém destaca que mesmo com elementos novos nas composições do grupo, o The Mission continua com seu estilo próprio, caracterizado durante todos esses anos de estrada.

O grupo havia decidido pelo fim em 1996, mas em 1999 receberam um convite do "Gene Loves Jezebel" outro ícone dos anos 80, para que retornassem em uma nova turnê conjunta, que percorreu os EUA e Europa, enfim chegando até nós... (ao menos boa parte já que o Genes Loves Jezebel não pôde vir), dessas apresentações, a banda registrou algumas boas faixas, que estará à disposição dos fãs em breve, porém sem previsão de lançamento em nosso amado país.

Referente aos elementos eletrônicos no álbum "Ressurrection", Wayne diz gostar muito da idéia e que poderiam ser incorporados à música do The Mission, mas que prefere o lado orgânico e acústico de suas canções. Eles decidiram não trabalhar com videoclips para este álbum, pois não sentiram-se confortáveis em relação à esse aspecto da mídia, que segundo eles "é muito exaustivo". Quanto ao que escutam atualmente, a referência é:

"Massive Attack", "NIN", Rammenstein", Música clássica e bastante "Frank Sinatra".

#Fernão Carneiro de Castro

O show aconteceu em 16/06, e apesar do baterista ser improvisado, quem detonou com estilo aqui foi o Bacalhau, do "Rumbora", escolhido na última hora, o Via Funchal estava razoavelmente cheio e com um público delirante embalado pelas canções da banda. Gente de todas as idades e estilos (vide, maioria trajando preto) preencheram o espaço para prestigiar a banda e a si mesmos com um show onde sobrou carisma e empatia. Craig Adams demonstrou estar ainda em forma, embora tenha sido o ponto da diversão da noite, quando vestindo a camisa da seleção brasileira, graças à sua careca e o fato de estar "meio gordinho", o tenham sentenciado à semelhança com o insalubre "Ronaldinho". Mais uma maravilhosa contribuição da Lullaby Eventos, que já nos brindou com o Xymox, e promete novas remessas para breve!!!

#Morpheus Affinito



Foto by Fernão

AS COISAS IGUAIS...

Estou só agora, e posso me ver como num espelho
Aliás parece-me que tudo está no espelho de tão duro e frio
Estou sem inspiração para escrever
Para descrever essas coisas sempre geladas
Esse mundo igual, não quero mais escrever coisas iguais
todos os dias
Eu tenho vontade de parar, simplesmente parar
As pessoas diferentes que no fundo são tão iguais
Os interesses diferentes que no fundo são tão iguais
Eu não agüento mais...
Você é mais um igual a todos outros
E talvez eu seja a única perdida por aqui
Ou talvez apenas mais uma igual achando que é diferente...
Maldito ciclo da existência humana
Sucumbo à ele invariavelmente
E acabo desejando o igual, até o seu amor igual
Seu amor tão mortal e volúvel quanto você
Para terminar igual a todos
Dolorido, desiludido...
Não agüento mais esperar pelos meus dias
Pelas coisas iguais, pelos amores iguais
Quero dormir, dormir até o nunca!
Ultimamente é tudo o que tenho vontade de fazer
Dormir e esquecer, dormir e não sentir
Dormir e não acordar mais

By Sher Manson
SP 16/05/00

O TORRÃO E O SEIXO

"O amor jamais a si quer contentar,
Não tem cuidado algum com o que é seu;
Sacrifica por outro o bem estar,
E, a despeito do inferno, erige um céu."
Esse era o canto de um torrão de terra,
Pisado pelas patas da boiada;
Mas um seixo, nas águas do regato,
Modulava esta métrica adequada:
"O amor somente a si quer contentar,
Atar alguém ao próprio gozo eterno;
Sorri quando o outro perde o bem estar,
E, a despeito do céu, ergue um inferno."

William Blake

ASSEMELHADO AOS TIGRES DE BORGES

Algures, alguém encerrou em minh'alma um segredo... ..Anelo
que flui em meus lábios como um veio d'água, que antes de
saciar a sede manifesta na impronunciável palavra que o
revele, tinge com a desolação de seus matizes, a gruta onde
jaz abandonada uma santa de nome incerto e uma rosa
ressecada num vaso triste.
Dir-se-ia que meu íntimo um dia fôra revestido com uma
esperança de má qualidade, que ora se desprende a exemplo
do papel de parede das velhas casas. Me insurgirei e
declararei inimigo, todo aquele que ouse me impingir sua
chave... .. E a exemplo de Borges, alimentarei meus tigres
com suas carnes!

Oscar De Lira

MINHA TERRA

I

Minha terra é uma ribanceira
Por onde corre solto o sangue
Onde poetas mentem a felicidade
E não passam de outra gangue.
Minha terra tem palmeiras
Onde cantam os degolados
Lugar onde lixo é ceia santa
E órfãos são exterminados.
Ah, quem me dera...
Noutro canto ter sido parido...
Antes escarrado aos infernos
Que neste Brasil com "Z"
Haver nascido.
Pois é terra de infames
Juventude alienada
Onde os jogos da mídia são arames
Da prisão em que jaz a massa confinada.

II

Minha terra é o esgoto
Onde deságua a podridão do mundo;
Reduto de refugos estrangeiros
Criminosos e políticos imundos.
Mas não temos amor próprio
Aplaudimos o fútil e o absurdo...
Esta é a terra de ninguém
Traficantes e políticos nos governam
Analfabetos e escravos proliferam
Prostitutas e mendigos, eis o fruto.
Aqui os cães de Deus encontram sua ração
E enquanto o povo espera um milagre do céu
No submundo, crianças e sonhos ao léu
Numa terra que não é pátria e nem opção.

Morpheus Affinito

INICIAÇÃO

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.
O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.
Vem a noite, que é a morte,
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.
Mas na estalagem do assombro
Tiram-te os anjos a capa:
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.
Então arcanjos da estrada
Despem-te e deixam-te nu.
Não tens vestes, não tens nada:
Tens só teu corpo, que és tu.
Por fim na funda caverna,
Os deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.
A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na sorte.
Não 'stás morto, entre ciprestes.
Neófito, não há morte.
Fernando Pessoa (Poesias Ocultistas)

O imenso mundo: um grão
De areia perdido no espaço.
Toda ciência dos homens:
Palavras.
Os povos, os animais e as flores
Dos sete climas:
Sombras.
O resultado de tua meditação:
Nada.

Omar Khayyam (Rubaiyat)

"Que importa, porém a danação eterna
a quem encontrou num segundo
o infinito do prazer?"

Charles Baudelaire (O mau vidraceiro)

"Pensando nas estrelas noite após noite começo a compreender, "As estrelas são
palavras" e todos os incontáveis mundos da Via Láctea são palavras, e portanto esse
mundo também o é. E compreendo que não importa onde quer que eu esteja, num
pequeno quarto repleto de informação ou num universo infinito de estrelas e
montanhas, tudo está apenas em minha mente."

Jack Kerouac (O Viajante Solitário)

“ O Amargo Bierce (1842 1914?)

Ambrose Bierce é um paradoxo literário, fixado entre a realidade e suas impressões sobrenaturais... explicando melhor, ele conduzia com maestria incomparável, uma narrativa recheada de cotidiano, muitas vezes uma crônica máquinal e de cunho jornalístico, onde o sobrenatural era somente um tempero comum aos nossos caprichos e temores. O limite era tênue, perdendo-se na ambivalência, psicoses e fobias que por si só emprestavam suas máscaras ao inexplicável... aquele silêncio que entalado na garganta responde pelas conclusões da personagem, geralmente uma vítima de histeria ou confusa com seus pesadelos. A grande maioria de seus contos de horror desenvolviam-se em paragens desertas, estradas solitárias em meio a florestas inabitáveis e casas abandonadas onde algum crime encerrara sua utilidade, tendo os sonhos uma importância fundamental no contexto destas "crônicas sobrenaturais", como frisa o próprio Bierce: "Acredito que o Dom dos sonhos tem grande valor literário - e que, se por algum método ainda não conhecido, fosse possível aprender, fixar e por fim utilizar a fantasia impalpável neles contida, teríamos uma literatura de enorme qualidade." Quem assistiu o filme "A Bruxa de Blair", certamente irá encontrar elementos bastante semelhantes em alguns de seus contos, lendas macabras interligadas a estórias de psicopatas, desaparecimentos inexplicáveis e cabanas de uma floresta terrificante...

Assim Como seus personagens, Bierce era uma figura extraordinária, lutou na guerra civil americana e sobreviveu a um ferimento de bala na cabeça, decidiu pelo jornalismo ao invés da carreira militar tirando a sorte no cara ou coroa... encrenqueiro e de temperamento ríspido, não deixava transparecer nada através de uma postura que lhe mascarava com a mais pura serenidade... um louco por aventuras que segundo algumas fontes, teria passado pelo Brasil no final do século passado, e enfim desapareceu como um personagem de suas estórias em meio a revolução mexicana de Pancho Villa, enquanto cobria o acontecimento... Suas marcas permanecem até os dias de hoje, tido como um dos criadores do jornalismo sarcástico, o "Dicionário do Diabo", uma de suas melhores obras, conta com verbetes de uma espontânea e maquiavélica paixão... Bierce se enquadra entre os grandes críticos da sociedade, sempre a frente de seu tempo, para não dizer eterno. Como fã de Bierce, sou suspeito em atribuir-lhe o valor às obras, mas nossa geração deveria conhecer um pouco mais do escritor americano que depois de Poe, seria o segundo grande nome da literatura de Horror e fantástica, sendo grande influente na obra de H. P. Lovecraft. Suas fábulas são bastante esquisitas, realmente complicadas de se assimilar, porém seus contos, embora muitos sejam um bocado "gratuitos", devo ressaltar que outros são realmente esboços de uma genialidade sagaz, em especial "A Morte de Halpin Frayser", desenvolvimento atemorizante onde o real e o sonhar se mesclam em um conto absurdamente fantástico... assim como "Os outros hóspedes", "Prisão" e "O Ambiente Adequado", determinam porque Ambrose Bierce é, definitivamente, um dos mestres da literatura negra. Esses contos encontram-se no livro "Visões da Noite" com uma ótima tradução por parte de Heloísa Seixas, a quem também coube a introdução, e onde uma biografia bem mais detalhada pode ser encontrada.

M. Affinito



*"Nas garras do estranho fascínio, lá estava
em meio à penumbra de uma floresta assombrada.
Ali, mirta e ciprestes de galhos entrelaçados
Eram o símbolo de uma maligna irmandade.*

*Soturnos salgueiros sussurravam aos teixos;
E, além, só pesar e a noite profunda,
Onde os ramos das perpétuas ganhavam
Formas funéreas, em meio às ervas daninhas.*

*Nem canto nem pássaro nem o zoar de abelhas,
Nem folha pela doce brisa carregada:
No ar estagnado, o silêncio era um ser
Vivo, cujo hálito as árvores bafejava.*

*Espíritos conspiradores moviam-se na penumbra,
Sussurrando uns aos outros os segredos da tumba.
Nas árvores encharcadas de sangue, as folhas
Cintilavam vermelhas, sob a luz assombrada.*

*Gritei! mas o encanto sobre mim se manteve
Dono de meu espírito e de minha vontade
Sem alma ou alento, desesperançado,
Eu seguia lutando, com os piores presságios.*

Até que o invisível...

#Ambrose Bierce



*"Por toda parte, o homem está morto,
há muitas eras,
Os anjos se foram rumo a túmulos
desconhecidos;
Os demônios, também, por fim
tornaram-se frios,
E Deus jaz morto ante o imenso
trono branco!*

#Ambrose Bierce

ANDERGRAUND

Enquanto arrumava minhas malas para me mudar para os Estados Unidos, uma das únicas coisas nas quais conseguia pensar era na quantidade de lugares novos que eu poderia conhecer, na variedade de clubs que poderia frequentar, enfim, tudo aquilo que quase todo brasileiro pensa com relação à cultura underground do exterior. Coloquei todas as minhas roupinhas pretas na mala e fui, com a cara e a coragem. Tratei de procurar alguma coisa perto da área onde moro, que não é New York, mas como é a capital do país, deveria ao menos haver alguma coisa interessante para se fazer. Antes de me jogar na noite, decidi dar uma passada pelo Thomas Morgan, a área boêmia de Washington, onde se localizam todos os bares e afins. Fiquei maravilhada. Um após o outro os bares se enfileiravam pelas ruas estreitas. Voltei para casa com alguns flyers e surtos mentais a respeito de noites malucas que ainda viriam a acontecer. Sexta-feira, onze horas e eu já estava me arrumando. Coloquei meu modelão gótico novíssimo e saí, crente que a noite prometia. Saí de casa - numa longa jornada de quarenta minutos até Washington - com rumo certo: The Bound, uma festa de fetiches que aconteceria no The Cage. Eu, na minha vã filosofia, achava que me divertiria muito, veria muita gente estranha, quem sabe até mais bizarros que eu. Ledo engano. Entrei num galpão enorme, mal iluminado e com algumas cadeiras espalhadas pelos cantos. Eu não estava entendendo nada, mesmo porque, o flyer que eu havia pego dizia-me que era uma festa de fetiches com inspiração gótica (!), mas de gótico ou de fetiche eu não estava vendo nada. Acho que (sem querer ser prepotente) quem estava mais a caráter era eu, uma brasileira que havia acabado de chegar e que desfilava pelos cantos com seu vestidinho vitoriano básico. As músicas eram chatas. Um bate-estacas do inferno. Decidi sentar numa das cadeirinhas e observar o que estava acontecendo ao meu redor, i.e., o maior surto pseudo-clubber que eu já havia visto. (Sem falar mal, afinal de contas eu já tive os meus dias de glória clubber e não me envergonho disto...) O DJ era um cara completamente sem noção da realidade. Escondido atrás de uma pilha de alto-falantes, provavelmente não tinha visão da pista, pois não tocou uma sequência que agradasse ao povo. Eu olhava para aquilo e não entendia o que é que leva alguém a tocar algo que faz todo mundo dançar e logo depois virar com outra coisa que faz todo mundo deixar a pista vazia. Mas tudo bem, não era eu mesmo quem havia organizado a tal festa, então não devia ficar pensando a respeito da metafísica deste acontecimento. A cada minuto que se passava a coisa ficava pior. Tudo bem, os norte-americanos são bichos estranhos, a começar pelo seu tipo físico, mas o que vi foi demais. Quando o DJ conseguia acertar, surgiam, por todos os lados, garotas gordas e branquelas embaladas em vinil colorido e que chacoalhavam seus esqueletos como genuínas Chacretes. Os homens também não ficavam para trás. Todos devidamente vestidos com seus modelitos Matrix, soltavam a franga enquanto reproduziam a coreografia de Tony Manero. Vez por outra alguma lucidez pairava no ar e o maldito DJ resolvia tocar alguma coisa boa de verdade e alguns dos seres humanos deixavam os anos setenta para trás, mas eram lapsos tão rápidos que passavam como flashes. Peguei mais uma Cuba Libre e voltei para a minha cadeirinha. A festa estava tão ruim, mas tão ruim, que eu não tinha nem coragem para levantar e ir embora; tinha que ficar e ver até que ponto surreal eles conseguiriam chegar. Não me decepcionei. O ponto alto da festa foi quando o esdrúxulo DJ resolveu jogar com toda a sua comercialidade Top Ten USA MTV e tocou Bloodhound Gang. Senti os calafrios subindo pelo meu corpo enquanto todas as loiras barris de chopp e os clones de John Travolta se matavam de dançar. Comecei a tremer enquanto ouvia suas vozes em coro cantando: "We ain't nothing but mammals so let's do what they do in the Discovery Channel". Peguei minha bolsinha e saí correndo. Horrorizada.

ALESSANDRA ARCHENAR

MONÓLOGO DE UM VAMPIRO

Nova coletânea com bandas nacionais

Dois anos após o lançamento da da coletânea: "Violet Carson Brazilian Darkwave collection", estamos nos preparando para lançar uma nova compilação no meio alternativo, trata-se de um CD que reunirá 5 das melhores bandas do meio underground paulistano: "Das Projekt Der Krummen Mauern", "Mercyland", "Stale Bread", "The Tears Of Blood" e "Elegia", cada qual participando com três canções... o nome ainda não foi definido, porém o trabalho será um amadurecimento dentro de nossas proporções, contando com o apoio do site WWW.GOTHIC.ART - vide Cid e Nagash, com produção de Morpheus Affinito, Arte de Fabíola Ferigato e diagramação da INFOWIZARDS e lançamento pelo selo BARATOS AFINS, com direito à masterização de Luiz Calanca...

Aguardem, pois já está no forno!!!!



Fabíola Ferigato

MONÓLOGO DE UM VAMPIRO



Em uma hora morta, quando a brisa ébria da noite varre as ruas e cria redemoinhos nos jardins, vou-me ao convento, maculando sua terra sacra com minha sórdida sombra, arrastando-me por entre arbustos de urtigas e roseiras, misturando meu vulto aos ciprestes, emprestando do silvar do vento em seus ramos, o som que oculta meus passos. Paro abaixo de uma janela, a mesma que visito desde muitas noites atrás, e, procurando obter um ângulo mais privilegiado do palco de minhas atenções, subo entre os galhos de uma frondosa árvore, onde a coruja faz sua vigília e canta uma nênia conhecida de todos nós, habitantes das terras sem sol; ajeito-me de modo que não possa denunciar minha presença, apartando folhas para que não me cortinem a visão. Enquanto aguardo o motivo de minha furtiva empreita, um intervalo de lucidez me assalta, como um bofetão no rosto de uma moçoila, que acorda de seus sonhos de princesa para a realidade frágil da vida de mulher, então o destino conspira contra mim, uma vez mais, com estes lapsos de consciência e este sentimento bizarro ecoando no imenso desolo de um espírito esqualido que aos poucos esboroa ao sabor do esquecimento de seu próprio ser. São detalhes dentre centenas de noites, atraçando mendigos bêbados deitados sobre o próprio vômito ou borrados de suas fezes, seus pescoços grudentos onde o sangue corre como água nos canais de esgoto das cidades... quase não me dou conta destas coisas, pois realmente abandonei a humanidade, não que tivesse escolha, creio que faz parte deste insano pesadelo arabesco, no meio do qual acordo de vez em quando só para depois mergulhar novamente no limbo de minha alma. Recordo ter sido alguém quando me pego a folhear revistas velhas com fotos de uma bela praia com um sol brilhante, porém minha nostalgia transfigura-se em medo, talvez pelo instinto que é a única parte viva de um vampiro... O resto é só morte. Desde o desagradável momento em que sente estar trancado dentro de um caixão cercado de um nebuloso e negro vazio e se pergunta: "Então é isso? Acabou?..." Aí percebe que é possível mover-se, só que o espaço limítrofe do caixão faz com que entre em pânico, pondo-se a arranhar desesperadamente, sem a consciência de que o ar já deveria ter se esgotado e, portanto, algo de sobrenatural aconteceu... mas quem acredita no sobrenatural? Não!... O que se faz é arranhar a tampa do esquife até não haver mais carne nos seus dedos e a terra lhe cair na cara... existe uma sensação de sufoco, efêmera, pois dominado de uma estupenda força, logo encontra o úmido ar noturno, graças à terra meio aquosa, que é bem mais fofa que a madeira do caixão. Já entre os jazigos e mausoléus, observa confuso a própria lápide, onde encontra-se lavrada a sentença: "Aqui jaz..." Um terror, então o acolhe de encontro ao peito, a estática da madrugada o beija com a corrosão do pensamento, santificada seja a desilusão... com a fome, enfim desperta, e como um espantalho, de corpo ainda enrijecido pelos acalentos de Tanatos, vai tropeçando entre os próprios passos aonde os instinto o levar, um cão, um bêbado ou mesmo um gato qualquer passa a ser uma considerável presa de agradável sabor; confusão se faz ao tomar a vítima entre os braços e não saber se deve comer sua carne ou beber seu sangue, embora com a inexperiência, ao trucidar a "presa" com os dentes obtenha-se tanto um quanto o outro, num frenesi de agonia indescritível. Arranjar um bom lugar para esconder-se da luz do dia é um outro problema... um mausoléu pode pertencer a uma família que ainda o cuida, além do zelador, é claro, que é pago para isto mesmo, conta-se com outro incomodo, pois nas tumbas as baratas dividem seus espaços com mendigos, não sendo prudente matá-los para apossar-se do lugar, pois outros companheiros podem procurá-los e então num frágil momento o descuido pode custar muito caro... não é possível voltar ao próprio sepulcro, pois certamente estará aterrado, graças ao zelador, que julgando terem-lhe roubado o cadáver, tentará encobrir o incidente de modo que ninguém perceba, além do mais, quem iria enterrá-lo e desenterrá-lo todas as noites? Um escravo corcunda? A feiúra somente repele, não sendo ao acaso que os vampiros evitam os espelhos. Esgotos e prédios interditados são os melhores lugares. Com tanta desgraça assomada seria óbvio tentar novamente encontrar a morte, deixando-se apanhar ou assistir o irradiar da aurora, porém creia, por mais que se queira morrer, a fome irá fazer com que avance noite adentro e, sem perceber serão noites além de noites, e a fome perpetua-se de maneira que você nada mais é que o instrumento desta mesma fome, que encarna, através de mandíbulas e carne semi podre, apossando-se do seu espírito, liberto algumas horas quando saciado, ou se a miséria quer um pouco de diversão, sentada sobre os umbrais do destino, confundindo e projetando emoções onde estas há muito deveriam estar enterradas...

A espera enfim é recompensada, vejo através da janela escancarada o objeto de minhas atenções adentrar ao quarto, numa rotina que bem conheço, pois é nesta rotina que repousa o conforto aos meus pesares... diante da bela imagem da freira, toda a bosta que sou se faz em pó, ela é um sol e uma lua e ainda as estrelas, e na minha imaginação sou o vácuo negro por onde ela, em toda sua glória de todos os astros, desliza com graça absoluta. Servimos a senhores diferentes, ela a estupidez humana, eu a fome fatal. É tentadora a idéia de arrancar aquele livro imbecil cheio de idéias contraditórias, onde piadas e estórias de fundo moral se confundem num paradoxo ridículo, um monte de escritos torpes canonizados por legisladores de procedência e comportamento duvidosos. Serviria ao diabo com muito prazer, um diabo que a entregasse aos meus caprichos, e então revitalizasse meu falo, revestindo-me com uma nova pele e lançando fora este maldito miasma... faria com que ela esquecesse aquele judeu frouxo pregado numa imagem à parede de seu quarto, mas se ele a instigasse, então poderia masturbá-la com o crucifixo, ou enfiaria no seu ânus ao mesmo instante em que a penetraria com meu falo recauchutado; amarraria suas mãos com um terço, e permitiria que me queimasse com água benta, tudo que pudesse faz-la gozar... É horrível assistir tão bela garota deplorando seu corpo com esta castidade. Não tenho chances contra um ideal, um noivo que nunca a toca insistindo numa promessa de eterno amanhã, tomando aquilo que de mais precioso ela possui, seu espírito... Enquanto ora, me permito admirá-la, em breve fechará a janela e com um sopro sutil apagará a vela que iluminou sua leitura e, imersa na escuridão maciça daquele quarto rústico, sonhará seus sonhos de donzela. Ah, malditas ilusões que nos separam, poderia simplesmente ser noiva de um ser de carne, o qual pudesse trucidar? De que maneira posso rasgar devoção ou mesmo o ar e os bonecos, objetos desta fé desvairada... Ainda há um oceano repleto de abismos púrpuras chamados crepúsculos e alvoradas... amo sua imagem nítida mesmo após a vela se apagar... Mas amá-la de que maneira? O que posso ofertar-lhe em troca desta masturbação divina, se meu falo sequer responde ao que um dia fôra o desejo... Então amo só com os olhos, meus horrendos olhos, semelhantes aos de um camaleão ou outro lagarto torto qualquer... Quem me dera fossem belos como os seus (nunca o foram sequer outrora), isso se este passado existiu, tal é a circunstância, que minha alma aos poucos cansa. Não sou mais que um morcego cego e banido da vida solar, um roedor de pescoços sebosos e fedidos de mendigos e outros desgraçados que me permito caçar, afinal somos almas gêmeas, decadência encamada que descamba para o desespero quando mesmo a destruição já não vale nada... Minha boca é denúncia de que durmo em uma sepultura, lábios sujos ou entrecortados, escurecidos pela falta de pulsação... Gostaria só uma vez de encorajar-me, aproximar-me de seu corpo, envolvê-lo nos meus braços, porém não há nobreza em meus gestos, é só a paixão que me inferniza, prova de que o amor é vil! Vago como um leproso entre becos e viadutos, por praças e cemitérios, e só não vou à igreja por odiar o deus que me abandonou à esta sorte, no entanto, não nego que gostaria de ter uma enorme rola e uma bexiga duas vezes proporcional para mijar-lhe em todos altares que pudesse encontrar... Quando é dia, sinto, ainda que totalmente despojado de senso, os vermes remexendo-se dentro de mim, vomitando e cagando seu interminável esterco por todo meu interior... Sinto tudo, sem que nada possa fazer, aprisionado no meu inexato reflexo apodrecido. As manhãs me afugentam, os raios do sol me caçam de maneira furiosa e fulminante, porquanto vão acariciando toda uma fauna em sua rotineira sina... Porém a noite é meu ser e minha majestade, encontro em seu seio o leite de meu sustento e o odor da solidão, vislumbro o firmamento e teço versos nas linhas argêntas que a lua lança sobre mim... e isto preenche minha escuridão... Certas noites, quando saciado, a consciência retorna, junto-me aos mendigos buscando experimentar um resquício de humanidade, foi numa destas noites que a vi cuidando dos pobres indigentes e apaixonei-me. No instante que sua mão passeou na minha cabeça, numa carícia de misericórdia, despida de repúdio como julgo jamais ter sentido, voltei meu rosto disforme em sua direção, ela olhou-me com temura, apanhando um algodão com algum remédio enquanto assistia seus olhos comovidos despejarem uma única lágrima que foi absorvida pelo mesmo algodão que retornou à sua impossível missão em meu rosto. Naquela mesma noite segui o cortejo fraternal até o convento, demorando uma série de noites até que enfim, encontrei a janela que dava para seu quarto. Muitas vezes perdi a oportunidade de vê-la, pois não há como ter certeza das horas, nunca se sabe quando é meia noite, somente reconhecemos a claridade e a escuridão. É impossível possuí-la, portanto conforto-me traçando diversas fantasias onde suas mãos macias atam-se às minhas e caminhamos de rostos juntos na direção de um carvalho, num morro de sonhos qualquer... Isto até lembrar que sou apenas um morto vivo, de que na realidade, não sou nada... Santificada seja a desilusão.

M. Affinito



A MUITO QUE EU
DESISTI DE SER
ALGUÉM REAL...
POR ISSO OTEI
EM SER UM PER-
SONAGEM DE HIS-
TÓRIA EM QUADRI-
NHOS, E HOJE EU
VOU CONTAR PRA
VOCÊS...

A VERDADEIRA HISTÓRIA DO... PSYCHOBILLY.

"AO MENINO DERAM O NOME DE
ROCK'A'BILLY, QUE CRESCEU E
SE CASOU COM UMA PUTA VICIADA
EM ACIDO CHAMADA PSICODELICA"



"PUNK ROCK 'COMEU' A PRÓPRIA
MÃE, QUE FICOU GRAVIDA E
DEU A LUZ A PSYCHOBILLY!!"



"MARIE COUNTRY E JOHN BLUE
SE CONHECERAM, TREPARAM
E TIVERAM UM FILHO..."



"OS TEMPOS FORAM FICANDO DI-
FICEIS, PSICODELICA DEU A LUZ
A UM JOVEM REVOLTADO DE
NOME PUNK ROCK!"



HOJE, PSYCHOBILLY 'PIROU' DE
VEZ, FOI INTERNADO NO CHARCOT
JUNTO COM SUA COLEÇÃO DE
MORCEGOS, "LONG LIVE PSYCTIOS!"



the GATHERING

Formado em outubro de 1989 pelos irmãos René (guitarra) e Hans (bateria) Rutten, o Gathering é hoje uma das mais criativas bandas de rock do mundo. Holandeses, começaram como uma banda de 'death/black metal', com Bart Smit no vocal, chegando a gravar o álbum "Always...". O segundo, "Almost a Dance", veio logo após, mas com Neils Duffhues no vocal. A sonoridade instrumental já apresentava toques do que viria a se tornar característica da banda, mas o vocal parecia um clone de Mike Patton (do Faith No More) misturado com Jess Cox (do Tygers of Pan Tang). Ambos os discos já contavam com um vocal feminino de apoio, sendo Marike Groot no primeiro disco e Martine Van Loon no segundo. Em ambos os discos, completam a formação Jelmer Wiersma (segunda guitarra), Frank Boeijin (teclados) e Hugo Prinsen Geerligs (baixo). Mas foi com Anneke Van Giersbergen que o Gathering começou a galgar os degraus para o topo do panteão metálico.



Mesmo tendo influências díspares como Prince, Barbra Streisand, Ella Fitzgerald, King Crimson e Frank Zappa, de acordo com a própria, Anneke trouxe o toque final à verdadeira orquestra que a banda se tornaria depois. O primeiro álbum com Anneke (terceiro oficial) foi "Mandylión", uma obra-prima do 'doom metal', um dos mais criativos lançados até hoje. Contando com inspirações declaradas de Dead Can Dance, Cocteau Twins, H.G. Wells e J.R.R. Tolkien, o disco tem a sonoridade ainda calcada no metal dos primeiros dias da banda, mas já com a linha gótica/psicodélica que a banda tornou tão própria. Inclusive, o maior sucesso do disco, a faixa de abertura "Strange Machines", tem as mesmas notas introdutórias de "Boomerang", do Xmal Deutschland. "Eléonor" é um primor entre peso e melodia - tendo se tornado outra música de trabalho da banda. A épica "Sand and Mercury" tem, em seu final, uma narração de J.R.R. Tolkien, discursando sobre a morte. E a música título, "Mandylión", parece um single perdido do Dead Can Dance! É simplesmente idêntica a qualquer música da banda australiana. O quarto álbum de originais e segundo com Anneke é a perfeição sulcada num CD: "Nighttime Birds". Simplesmente arrebatador, tem o equilíbrio perfeito: é muito gótico para os 'headbangers' - mas muito 'metal' para os góticos. A abertura, com "On Most Surface (inüit)" é arrebatadora, "Confusion" é uma verdadeira viagem psicodélica, "New Moon, Different Day" tem aquela introdução e o andamento perfeito para os góticos, e assim por diante. Para esse álbum, o single escolhido foi para "Kevin's Telescope" (outra música que pode figurar tranquilamente entre as melhores da banda até hoje), e tem duas covers, sendo uma do Dead Can Dance, "In Power We Entrust The Love Advocated". Mas uma surpresa aguardava os menos avisados para o próximo disco. Apesar de coerente com a linha seguida nos discos anteriores, o álbum "How To Measure a Planet" causou espanto nos meios metálicos. Sem o segundo guitarrista, Jelmer Wiersma, o disco perde em peso e ganha em climas épicos, densos e viajantes. As músicas estão mais calmas (mas nem por isso menos poderosas e etéreas) e os sons vêm calcados na psicodelia dos anos 60 e 70, notadamente Pink Floyd em seus primeiros discos, além de experiências típicas das bandas progressivas (a faixa título tem, nada mais, nada menos, que 28min e 32seg de barulhos e esquisitices espaciais, lembrando aqueles temas musicais já explorados em "2001 - Uma Odisséia no Espaço"). A mídia metálica em geral não perdoa, e o disco recebe severas críticas (e não só no Brasil) por deixar de lado o peso dos álbuns anteriores. É nesse clima que a banda recebe o rótulo de Trip-Rock! E não por acaso, a faixa "The Big Sleep" poderia figurar tranquilamente em qualquer disco do Massive Attack ou Portishead. E já que o negócio é polemizar, a banda escolhe justamente essa faixa para abrir seu álbum ao vivo, "Superheat". Com um repertório calcado no último disco, a banda mostra uma apresentação burocrática, sem inovar muito - as versões ao vivo são idênticas às de estúdio. Isso só serve para mostrar uma coisa: uma segunda guitarra faz falta! Talvez num disco feito somente para um guitarrista a banda se arranje melhor. "Superheat" (expressão tirada da música "Liberty Bell") traz ainda uma versão em CD-Rom para "Eléonor", faixa multi-mídia que é uma apresentação ao vivo da banda, ainda com Jelmer na segunda guitarra, originalmente lançada para a coletânea em vídeo "Beauty in Darkness 3". Enquanto agendam o próximo disco para o segundo semestre, Anneke fez uma participação especial no projeto em CD chamado "Ayeron". Trata-se de uma ópera-rock que mistura heavy-doom-clássico-progressivo, capitaneada pelo músico Arjen Anthony Lucassen. Anneke entra no papel de uma egípcia. Além dela, abrilhanta o projeto o primeiro vocalista do Marillion, Fish (que faz o papel de Highlander), e Sharon Den Adel, vocalista do Within' Temptation (no papel de uma índia). Seja qual for a surpresa que o Gathering nos reserva para o próximo disco, a banda já inscreveu seu nome no rol das mais criativas já surgida nos anos 90. Vale a pena conferir.

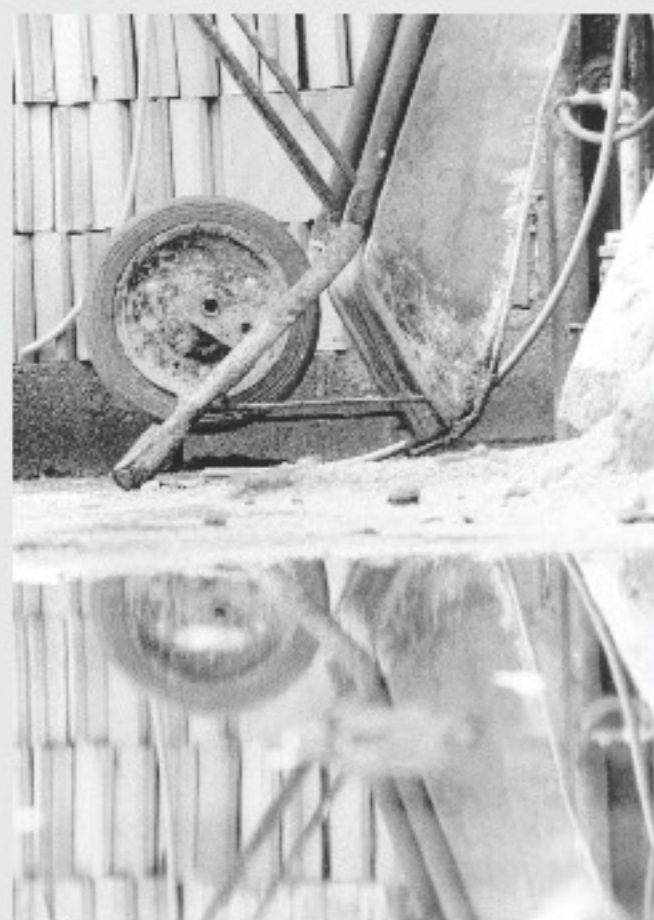
By: Jorge Vitzac.

EXPLICATIVO

O que tenho
Pra dizer
É sério demais
Posso até magoar
Alguns
Ofender outros
No mínimo

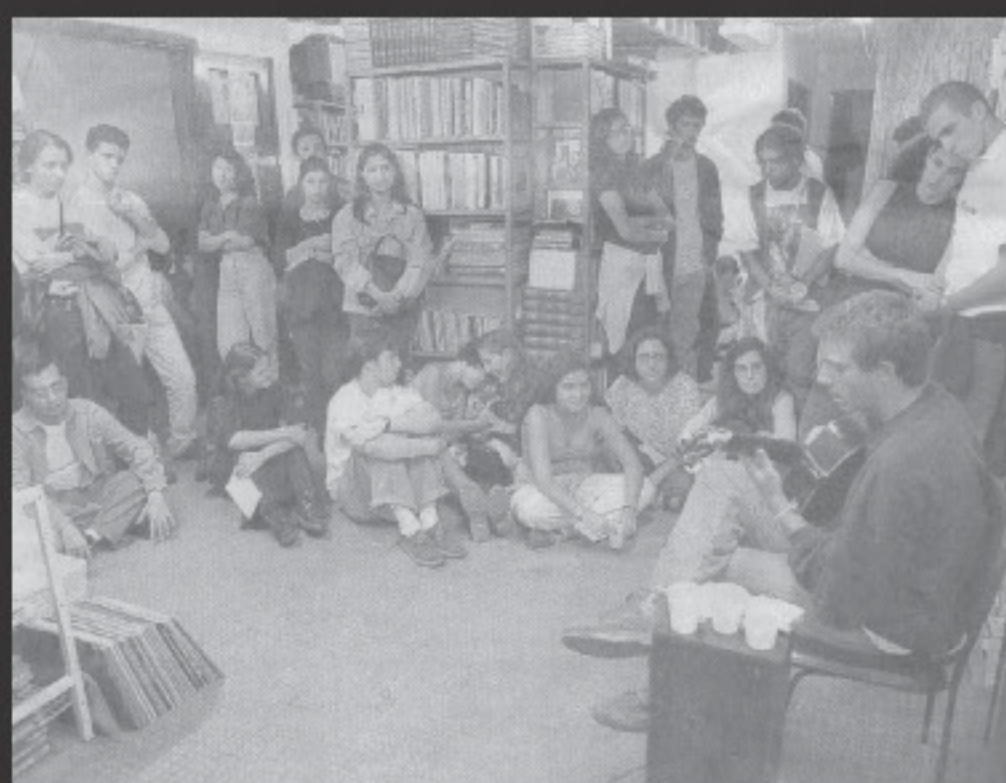
Então
O branco do sulfite
Em minha frente
Feito bandeira
De paz
convida-me
Ao devaneio

Evasivo eu canto



Fotos e Poesia: Wilson Guanais

SEBO 264



Cultura e Livros raros em geral.
Encontramos o livro que você precisa!!
Literatura maldita, Beat e Afins...
Rua Sete de Abril, 264 B5 Térreo
Tels: (0xx11) 255 3270 / 3151 2391

CULTURA POP

Gibiteca - Videoteca - Zineteca

Um grande acervo em Quadrinhos, Zines,
Filmes e conhecimentos alternativos à sua disposição.

Lgo. S. J. do Belém, 156 - Belenzinho / SP
Cep: 03057 - 040 - Tel: 9961-2761

FOOD FOR LIFE - HARE KRISHNA
Alimentos Naturais
A/C: Lila Prasada - 521-3963

DYNAMITE

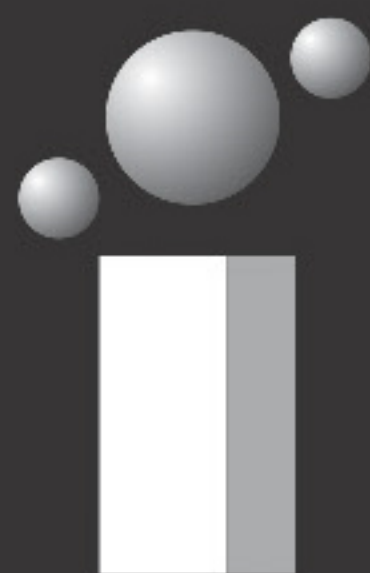
A revista do Rock em todas as tendências

MADAME SATÃ

A melhor casa de música alternativa ha 16 anos

NIGHT CLUB

Sextas: O melhor do Gótico em geral + EBM e Industrial
Sábados: Noite do bebum - 80's, Guitar + Pop
Rua Conselheiro Ramalho, 873
Tel: 285-6754 - E-mail: madamesata@zip.net



INFO

Soluções em um passe de magia

WIZARDS

websites - revistas - gráficos em geral